



REVISTA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVALI

# CONTEXTO

ANO 1  
NÚMERO 1  
ABRIL/2018



## O HOMEM E O MAR

*A imensidão azul dos oceanos conduz a vida de muita gente, forma tradições, inspira superações e inunda a memória. Algumas dessas histórias são contadas aqui.*



**{editorial}**

**índice**



**100**  
REBRAND.



## COMUNICAÇÃO

*O que já era marcante para nós  
agora deixa uma marca no mundo.*

A NSC Comunicação está entre os vencedores do Rebrand 100 Global Awards 2018, o principal reconhecimento internacional a projetos de reposicionamento de marca.

Mais do que um prêmio, este é um incentivo para continuarmos cumprindo nosso propósito: produzir conteúdo que gera valor para a sociedade catarinense.

**NSC Comunicação**  
Conteúdo que move é o que conta.



Acesse [www.nsccomunicacao.com.br](http://www.nsccomunicacao.com.br) e saiba mais sobre o prêmio.

**{pesca esportiva}**



# VOCÊ, O CÉU E O MAR

*A pesca esportiva permeando histórias de vida. Pescadores compartilham experiências e vivências que transcendem a prática da pesca e estreitam a relação do ser humano com o infinito azul do mar.*

// Texto *Gabriel Fidelis e Nathalia Fontana*

A vista era composta por poucos elementos. Areia solta, mar agitado e céu azul. Entre espaços preestabelecidos, as varas de pesca contrastavam com essa tríplice. O relógio dizia que era cedo e os ventos que sopravam que era domingo. O astro rei fez toda questão de aparecer e roubar a cena, aquecendo a pele dos competidores e derramando seu brilho sobre o mar. A areia estava marcada com pegadas de diversos tipos, sapatos, botas, tênis, chinelos, dos mais variados modelos e tamanhos. As pegadas contam a história de quem por ali passou. Aquelas pegadas, escritas pelos competidores da Primeira Festa da Pesca de Itajaí, realizada em 2017, contam histórias de homens e do mar.

Curitibana, Jerusa Vallasky começou a pescar em praia só quando veio para Santa Catarina. Antes disso, sua relação com a pesca esportiva se dava nos açudes, em um tempo de pesca que já chega perto dos 30 anos. Nesse tempo, Jerusa criou seu filho perto dos anzóis, varas e molinetes e, hoje, leva seus netos para pescar. Ela diz que a pesca esportiva é uma atividade de família. Os maridos trazem as esposas, que trazem os filhos, os netos, e assim todo mundo se aproxima do mar. “O que a pesca significa pra mim? Paz de espírito, aquela adrenalina de competição. Família, união, parceria, amizades” - conta. Hoje mora em Joinville, faz parte do Clube de Pesca Tortuga, viaja pelo Brasil e faz amigos nas pescarias. Mulher e pescadora, segundo ela os homens do meio respeitam essa classe. “Tem muita mulher pescando muito bem, dando banho nos homens” - completa.

Há quem diga que história de pescador é mentira, mas Tarcísio Lewien garantiu que o maior peixe que já pescou foi um robalo de 1,6 kg, na Praia do Ervino. Na ocasião, garantiu o terceiro lugar da prova em que participava. Já quando questionado se o mar estava bom, afirmou - “o mar tá calmo, tá bom, mas não pra peixe”. Integrante da Equipe de Pesca Água Viva, também de Joinville, contou - sem tirar o olho da vara de pesca - que o clube vai no mínimo uma vez por mês

pescar na praia. Apesar de a cidade de Joinville não ser litorânea, é muito forte a cultura da pesca esportiva. Há inclusive uma liga das equipes da cidade, chamada Liga Norte, que organiza campeonatos próprios. Tarcísio nos explicou que aquele torneio que estava participando é um torneio aberto, com início e fim no mesmo dia, e que a Liga Norte, assim como a Federação Catarinense de Pesca, organiza campeonatos com provas em diferentes cidades, nos quais a pontuação vai se acumulando e há uma classificação geral. Como a maioria, procurou a pesca por lazer e influência da própria família, e é em São Francisco do Sul que geralmente lança o anzol nas águas.

.....  
*Vale mil  
vezes um  
mal dia de  
pescaria  
do que um  
bom dia de  
trabalho.*  
.....



Foto: Gabriel Fidelis

Com um sorriso receptivo, Sérgio Benjamin, um mecânico aposentado, divagou sobre seus 20 anos de pesca. Disse que o mar estava ruim de peixe e que não tem muito mesmo na Praia Brava, por ser aberta demais. Pampo e Baiacu é o que mais dá, segundo ele. Quem sabe no segundo box levava mais sorte, já que as duplas trocam de box após duas horas de pescaria para a sorte não influenciar tanto assim no torneio. São 20 minutos para carregar os equipamentos, se instalar de novo e recomeçar a pescaria. Ele e sua dupla, o Teixeira, que também faz parte da Equipe de Pesca Elite, de Itajaí, cobram um ao outro, mas também se divertem.

Enquanto moía o camarão – que nesse momento servia de isca – Vânio Teixeira contava seus macetes de pescaria. Moer o camarão é para soltar mais odor e, segundo ele, isto atrai os peixes. O pescador contava também com uma variedade enorme de iscas chamativas e coloridas. Há quem diga que o peixe não vê cores, mas diz ele que funciona. “O peixe é curioso, né?! Pode ver no aquário. Joga uma pedrinha, todos eles vão olhar” – fala o pescador. De início, Teixeira pescava em costão, depois comprou um barco e, com a idade, prefere “trazer uma cadeirinha, um isoporzinho, uma cervejinha, aí é mais light”. Fato curioso é que ele não come peixe, não gosta. Dá tudo para os amigos. O seu negócio é pescar.

.....

*O peixe é curioso, né?!  
Pode ver no aquário.  
Joga uma pedrinha, todos eles vão olhar.*

.....

A pesca esportiva inclui diversas modalidades de prática como a Juvenil, Feminino, Master e Sênior. As idades variam para cada categoria, porém todos pontuam no ranking geral em competições.



## Competição e amizade

Veza ou outra, silêncios de dois segundos quebravam o barulho usual das ondas. Ouvia-se apenas o som das mentes dos pescadores trabalhando, fazendo cálculos, tentando entender onde seria a melhor jogada, onde daria mais pontos, onde daria mais peixes. Mesmo em um ambiente extremamente competitivo, as amizades prevalecem. Delas surgem as equipes de pesca, como o Grupo Elite. Criado em 2013 a partir de um outro grupo, o Elite é composto por doze associados atualmente. Um clube ainda pequeno, que participa de competições estaduais, provas abertas e realiza o próprio torneio. Segundo o presidente, João Guilherme Monteiro, o clube é uma associação sem fins lucrativos, regido por um estatuto e regulamento internos. Porém, mais difícil do que a parte burocrática de iniciar uma equipe de pesca é encontrar pessoas que estejam engajadas por um mesmo objetivo. Os associados se reúnem de duas a três vezes por mês para reuniões gerais e técnicas, antes de participarem de competições.

O tempo passava e o sol ficava menos espelhado na água. O céu limpo, sem nuvens dava um “quê” de calma. Logo a paz foi quebrada com o estampido de um foguete. A fumaça branca e o grande barulho indicavam aos pescadores a hora de trocar de box. Inicia um alvoroço. Os competidores recolhem rapidamente os anzóis, organizam os materiais e partem para o outro local de pesca. Passado alguns minutos, outro ruído. Este anuncia o fim do tempo para troca de raia da competição. É hora de jogar os anzóis no mar outra vez. Como se fossem arremessadores de peso, os pescadores corriam em direção ao mar para jogá-los com força. Com toda movimentação, as areias são marcadas novamente e surgem novas histórias.



Foto: Nathalia Fontana

De simpatia aguçada, Edson Silva, no auge dos 61 anos de idade, não esconde a paixão que sente pela arte da pescaria. O sentimento é tanto que, enquanto conversava conosco, percebeu mexer a vara de uma competidora e anunciou “tem peixe na tua linha, Jerusa”. E realmente tinha. Ele, vice-presidente da Confederação Catarinense de Pesca, atua na pesca desportiva há 40 anos e nos faz entender uma competição como a que estávamos presenciando. Primeiro, ele faz questão de comentar que a pesca de praia é deveras difundida em nossa região. O evento do domingo ensolarado é conhecido como torneio avulso, que tem objetivo de marcar alguma data e confraternizar os grupos de pesca e pescadores avulsos. Muitas pessoas usam a pesca como subsistência em Santa Catarina. Porém, diferente da artesanal, que envolve o uso de redes e embarcações, para a prática da pesca esportiva necessita-se de caniço, molinete e isca. “O material hoje representa 50% do êxito em uma pescaria, o conhecimento do mar uns 30% e 20% é da tua habilidade” – indica Edson.

Cada campeonato tem um modelo de pontuação e forma de classificação. Segundo Edson, nos estaduais cada peixe vale dois pontos e cada cem gramas vale um ponto, tais pontuações são somadas e computadas e o pescador, competindo individualmente, que fizer mais pontos é o campeão. São cinco etapas, cada uma em praias diferentes para haver variações. Além disso, é usada uma tabela fornecida pelo IBAMA onde consta a medida mínima que cada peixe possui para ser pontuado, se a captura não estiver dentro das normas estabelecidas na tabela, precisa voltar à natureza no mesmo momento e não contabiliza pontos.

*O material  
hoje  
representa  
50% do  
êxito  
de uma  
pescaria.*

# PESCA ESPORTIVA NO BRASIL



## MEDIDAS MÍNIMAS PERMITIDAS

Pampo - 15 cm	Corvina - 25 cm
Papa-terra - 20 cm	Anchova - 35 cm
Bagre - PROIBIDO	Cação - PROIBIDO
Robalo - 30 cm	Linguado - 35 cm
Tainha - 35 cm	Sardinha - 15 cm

O tamanho mínimo de captura dos peixes marinhos é medido da ponta do focinho até a extremidade da nadadeira caudal mais alongada.

FONTE: IBAMA

A fim de preservar as espécies de peixes, o IBAMA regulamenta as medidas mínimas que os peixes devem ter para serem pescados e, conseqüentemente, contabilizarem pontos nas competições. O tamanho está relacionado com a idade dos peixes, e ao período de reprodução, garantindo a continuidade da espécie.



## PESCADORES AMADORES LICENCIADOS

1996 → 2011

134.778 → 287.053

Pescadores

Pescadores



FONTE: IBAMA

A Licença para Pesca Amadora do Ministério de Pesca e Aquicultura é válida por um ano em todo território nacional. Assim que obtiver sua licença, o pescador pode pescar em qualquer região do país. De qualquer forma, as normas estaduais devem ser respeitadas.

## MERCADO DE PESCA ESPORTIVA

O ramo movimentou cerca de

R\$ 1 bilhão



em 2013

e tem crescido cerca de

30%

nos últimos anos

FONTE: SEBRAE

Dentro desse mercado, uma oportunidade de comércio surgiu com as feiras de negócios do setor, como a Pesca Trade Show e a Mariner Boat Show. Os eventos contam com fabricantes e importadores de equipamentos para pesca.

{gastronomia}



# SABORES VARIADOS

*Das raízes culturais à inspiração nos cenários mais belos do litoral, a gastronomia que vem do mar vai do popular ao sofisticado em Santa Catarina*

// Texto *Sheila Gastardi e Karina Morillo*

No Litoral de Santa Catarina temos algumas opções de gastronomia, desde as mais sofisticadas até as mais simples, que utilizam um mesmo ponto de partida: frutos do mar! Seleccionamos três opções bem diversificadas para conhecer e saborear essas iguarias do nosso mar.

Na cidade de Joinville, o casal Osmar Neckel e Guisela Neckel, donos do Restaurante Pinheiro, decidiram trazer um pedacinho da Polinésia para a cidade. Como já possuíam um sítio no Bairro Boa Vista, decidiram construir ali um exótico restaurante, hoje referência culinária na cidade.

A Polinésia se destaca por ser um restaurante especializado em frutos do mar e basicamente autossuficiente. Na propriedade é cultivada uma horta orgânica com diversas hortaliças e frutas utilizadas nos pratos do restaurante, entre elas couve, alface, cebolinha, salsinha, limão, morango, maracujá, acerola, banana e butiá. O restante que não é produzido na propriedade é comprado de produtores da região, como os peixes e camarões, que vêm de pescadores do bairro Morro do Amaral, o arroz, que vem do bairro Vila Nova, e mariscos, ostras e lulas que vêm de várias regiões do próprio Estado.

Os pratos variam de R\$13,90 (petiscos) até R\$ 649,90 (Lagosta), contando com pedidos especiais que devem ser encomendados, como Lagosta à Thermidor (que vem do Chile) e o Caranguejo Gigante do Alasca.

O prato mais pedido da casa é o rodízio de frutos do mar, que custa R\$64,90 por pessoa e conta com casquinha de siri, sopa de peixe, camarão à milanesa, pirão de peixe, peixe da época à milanesa e acompanhamentos como arroz, saladas e pão caseiro.

Foto: Sheila Gastardi



## Do popular ao luxuoso

Além de possuir um grande valor histórico, o Mercado Público de Itajaí mantém as tradições do litoral peixeiro. Todos os dias ele é abastecido (ao som da música popular brasileira), pelos produtores rurais da região. “O mercado tem uma importância muito grande. É onde esses produtores vão trazer a sua mercadoria para ser comercializada e os cidadãos vão achar esses produtos diferenciados e frescos”, explica o administrador do Mercado Público, Carlos Albano Silva, de 56 anos.

O peixe sempre esteve na mesa dos itajaienses, de acordo com o balconista da JR Pescados, Danilo Rodrigues, 28 anos, que afirma que os mais consumidos e vendidos são a Anchova e a Tainha.

Agora se você prefere sair do histórico e tradicional e buscar a alta gastronomia, basta visitar a cidade de Itapema e ir até o Indaiá Restaurante. Aberto em 2007, fica localizado no alto da região conhecida como Costa Esmeralda, o que possibilita ver o município de Porto Belo até o canto da Praia de Itapema.

Com um cardápio variado, comandado pelo jovem Chef Gustavo Piffer, o Indaiá oferece todos os tipos de frutos do mar: peixes, lagostas, camarão, polvo, que são preparados das mais diversas formas. Além disso, oferece o fondue de frutos do mar, com uma sequência de camarões, lula, salmão, kani e mariscos acompanhados de molhos especiais.

Os pratos do Indaiá variam de R\$69,90 até R\$229,90, servindo normalmente duas pessoas. O prato mais pedido da casa é o Polvo Trilogia de Alho, que é um polvo grelhado sobre o creme de alho, alho negro (um ingrediente raro) e por cima alho confitado (alho fervido com azeite e alecrim) durante 4 horas.

Osmar cultiva uma horta orgânica com hortaliças e frutas utilizadas nos pratos.

## {história de pescador}

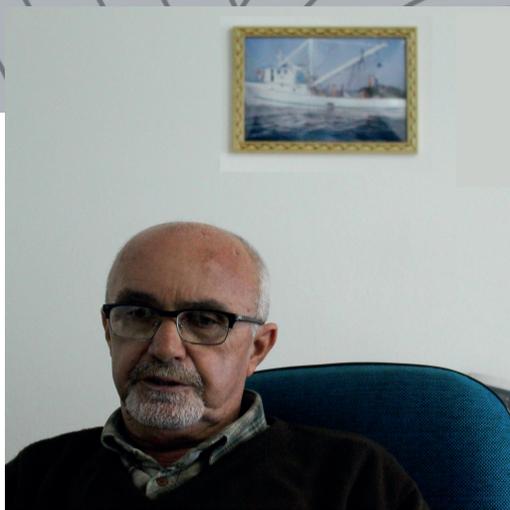


Foto: Kassia C. Salles

# As lágrimas e a água do mar são salgadas

// Texto *Kassia C. Salles*

Henrique é homem do mar. A água salobra e ele mantêm uma relação íntima mesmo seis anos depois da aposentadoria. Seu Henrique não é mais pescador e a decisão de se aposentar, em 2011, foi influência daquele que lhe acolheu – o mar.

Alguns meses antes de se aposentar, Henrique fez uma de suas últimas viagens de pesca a bordo do Marília IV, do qual tem uma fotografia na parede de sua sala. Henrique era responsável pelo andar da carruagem ou, nesse caso, da embarcação. Um dos braços movia o timão enquanto o outro segurava o rádio.

Do outro lado das ondas do rádio, Costa, do barco Ferreira V, lhe alertava sobre um cardume de sardinhas que tinha detectado em seu radar.

– Vai passar aí perto de ti daqui a pouco! – avisou. Antes que pudesse ter uma resposta, o rádio chiou e ficou mudo.

O Ferreira V, que antes estava no radar, acabou sumindo. Henrique, pensando que o barco poderia ter se afastado, esqueceu do caso e foi atrás do cardume.

Cerca de uma hora depois, as sardinhas pulavam na popa do Marília.

E nada do Ferreira, nem de Costa, nem de ninguém.

O instinto de pescador experiente lhe gritava, no fundo da cabeça, para ir atrás do companheiro. Eram cerca de nove horas da manhã daquele domingo de mar agitado e ventos fortes.

Nada no radar, nada a olho nu. A embarcação não poderia ter se afastado tão rapidamente deles e nem voltado para o porto, já que ainda era o começo do dia.

Já passava das 10h quando o radar apitou. A garganta fechou, os olhos lacrimejaram, mas a força precisava ser mantida. De longe, Henrique avistou o Ferreira V com a popa para o alto, lentamente

sendo engolido pelas ondas raivosas. Estava há cerca de 24 km da Ilha dos Remédios, em Barra do Sul, litoral catarinense.

A tripulação se salvou como pode: nadando até as boias e se segurando uns nos outros. Não se sabia o que era lágrima ou mar. As mais de 60 toneladas de sardinha que a traineira carregava foram perdidas.

A tripulação do Marília IV gritou e jogou as próprias boias e botes salva-vidas para os companheiros, que escalaram para dentro do barco apesar da tremedeira. Quando não se ouviam mais gritos de socorro e a tripulação parecia estar toda ali, acompanhada da Capitania dos Portos de Itajaí e do Corpo de Bombeiros, foi realizada a contagem.

Um, dois, três... treze, quatorze... Quatorze, confirma? Conta de novo. Treze, quatorze, confirma.

– O Costa não tava ali. – Henrique conta, com lágrimas nos olhos e a voz embargada.

Volta pro mar. Bombeiros pulam na água, mas o Ferreira IV já estava praticamente debaixo d'água e nem sinal do capitão da traineira.

– Os tripulantes falaram que ele ajudou todo mundo a sair da cabine – explica o pescador.

– Não, espera, deixa só eu pegar meus documentos – ele teria dito à tripulação.

A água tomou a cabine como quem reivindica o que é seu, não deixando espaço para saída. O corpo de Airton Agenor da Costa foi encontrado só na terça-feira seguinte, há trinta metros de profundidade.

– O mar assusta muito, mas mata pouco. E quando mata, assusta mais ainda. – Henrique declama as palavras que, pelo visto, já foram decoradas. Se restava alguma dúvida sobre se aposentar, elas foram sanadas ali mesmo e, ainda em 2011, seu Henrique deixou o mar para viver com as pessoas de terra.

# NADANDO CONTRA A MARÉ

*O esforço daqueles que buscam resgatar animais marinhos atingidos pela ação do homem*

// Texto *Carolini Nandi  
Eduarda Pontaldi  
Katyanne Krull  
Nicole Zanon*

Imagine um pronto atendimento. Em um canto, há pessoas abatidas por batidas de queridos. Em frente a um balcão, uma senhora de uns 36 anos chora pelo filho debilitado, enquanto a recepcionista contorna a situação, aparentemente acostumada com o cenário. Em frente, depois do corredor infinito, há uma equipe médica salvando meia dúzia de vidas e perdendo outras 12. O panorama de saúde que se tem é precário, mas a maior precariedade é achar que somente os seres humanos sofrem. E não, os cachorros, gatos ou coelhos nada têm a ver com essas estatísticas ou com o rumo dessa reportagem. Enquanto você lê uma introdução falando de alguns estereótipos de homo sapiens, um animal marinho morre em uma rede de pesca ou com um plástico no estômago.

Aproximadamente 100 milhões de animais marinhos morrem por ano, sendo o principal agente causador a poluição por plástico no oceano, que é provocada por uma produção igualitária numericamente (em toneladas) de plástico nos mares, de acordo com o projeto Biodiversidade, em uma conferência da ONU sobre os oceanos, na Ilha do Sal. Os números ficam ainda mais assustadores quando somente no litoral de São Paulo quase 9 mil animais foram encontrados mortos em situações cruéis e até inusitadas nos últimos 21 meses, conforme o Instituto Gremar.

Em Penha, no Vale do Itajaí, uma unidade de estabilização de animais marinhos foi construída em 2015 com o intuito de dar esperança àqueles que sofrem com as demasiadas interferências advindas tanto da natureza quanto do próprio ser humano. O projeto inicia em Ubatuba, no estado de São Paulo, com cobertura até Laguna.

Contudo, a unidade de Penha, que é coordenada pela Univali e financiada pela Petrobrás, é considerada uma base executora, responsável geograficamente por animais marinhos que precisam da ajuda especializada de Barra Velha a Governador Celso Ramos. É um programa que

vem sendo feito no Brasil há anos como parte de licenciamento ambiental. “Os mais antigos estavam ocorrendo no Rio Grande do Norte desde 2011, aí teve Sergipe, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro. Mas o que diferencia a nossa pesquisa é a extensão e a intensidade”, diz o coordenador do Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos, André Barreto.

No total são dez estações, com aproximadamente 400 pessoas envolvidas em atividades gerenciais e de campo. São estes que por volta das seis horas da manhã pegam veículos e monitoram 800 km de praias. São personagens da vida real, na pele de oceanógrafos, médicos veterinários e biólogos – marinhos ou não.

São eles que recolhem os animais e os encaminham para a unidade de estabilização. De outro modo, pode-se compará-los a uma ambulância. Todavia, as pessoas que frequentam a praia também auxiliam, uma vez que informam à unidade sempre que avistam algum animal diferente do qual estão acostumados, agilizando o trabalho dos profissionais.

São três estados que participam do projeto: Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Dos três, o que tem o maior número de ocorrências é Santa Catarina. O foco do projeto são as tartarugas, mamíferos e aves marinhas. Somando todos os grupos, Santa Catarina é o estado que tem o maior número de animais por quilômetro que é monitorado. “O que é preocupante é que nós temos um número absoluto grande, e a questão agora é tentar entender porque, quais são as causas, o que está causando”, explica o coordenador.

*Cerca de  
100 milhões  
de animais  
marinhos  
morrem  
por ano*



Foto: Deborah Boeira

Equipe do Projeto de Monitoramento da Baía de Santos atuando na praia no salvamento de um animal marinho.

## O pronto atendimento

Na unidade de estabilização de Penha, os animais marinhos recebem todo o socorro que precisam. Funciona basicamente como um pronto atendimento, isto é, recebem os primeiros socorros e todos os cuidados necessários para garantir ao animal o direito à vida e, dependendo da sua espécie e/ou estado de saúde, é encaminhado para órgãos e instituições especializados, como o Projeto Tamar e o Centro de Triagem de Animais Silvestres – CETAS. Mas para isso acontecer, a recuperação do animal deve estar ao menos mediana, já que o transporte é estressante para eles, o que pode também acarretar no agravamento do quadro de saúde. O tempo médio de estadia de um animal na unidade é de quatro a cinco dias. No entanto, o tempo de estadia do bicho vai variar de acordo com o tratamento que ele necessita, podendo se estender até 30 ou 40 dias.

As pessoas tendem a estranhar qualquer animal diferente que chega à praia, como tartarugas, fragatas, pufinos, pinguins e lobos-marinhos, embora grande parte deles não esteja debilitado ou machucado, mas sim exausto. Muitos deles percorrem um caminho longínquo em busca de um destino final e acabam sentindo necessidade de descansar, como é o caso do lobo-marinho. O pânico e desespero se instalam entre as pessoas sempre que avistam um animal desses na areia – embora muitos substituam o desespero por uma linda selfie no celular. Acontece. As apostas são sempre de que o lobo-marinho já está morrendo, quando na verdade ele só está tirando um cochilo. Coitado dele, que mesmo cansado ainda tem que lidar com toda essa situação! Nesse caso, não é feita mais que

uma translocação, que é quando se transporta o animal de uma praia movimentada a uma menos frequentada.

Imagine que os animais marinhos são mulheres em época de TPM: são sensíveis e selvagens ao mesmo tempo. Quando incomodados, são agressivos e assustados. Lidar com pessoas ao seu redor é um desafio e tanto, pois odeiam gente. As paranoias, no entanto, não se podem afirmar (por parte do animal marinho). Já a parte meiga da TPM fica para os cachorros e gatos, uma vez que necessitam de carinho e atenção constante. Porém, o que separa o comportamento animal de uma mulher com TPM é a comida: é proibido alimentar um animal marinho, pois dessa forma eles vão permanecendo na costa, interferindo assim na vida natural deles e do ambiente. Já as mulheres... Bendito seja aquele que inventou o chocolate!

Em contrapartida, existem também muitos casos de animais que, quando dão o ar da graça no litoral, é porque algo deu muito errado em sua singela vida. Os pinguins são o melhor exemplo desta conjuntura, uma vez que é um animal inusitado na região. A espécie que chega ao litoral catarinense (predominantemente no inverno) é o pinguim Magalhães/da Patagônia, e não o da Antártida como muitos pensam. Esses não ficam no gelo, embora o seu habitat natural seja frio. Os pinguins que saem das colônias são juvenis, o que os classifica como menos experientes dos demais nos quesitos caça e cuidados consigo. A partir disso, eles acabam enfrentando mares revoltos e se perdem do bando ao qual vieram. Assim, ficam desacomodados e o mar acaba por trazê-los à costa.

De acordo com a médica veterinária da unidade de estabilização de animais marinhos de Penha, Adriane Steuernagel, dentre as teorias que envolvem a saída dos pinguins da colônia, a mais persuasiva é de que eles vêm em busca de alimentos e novos territórios, além de vários pesquisadores afirmarem que o excedente que sai da colônia é o que não vale a pena reabilitar, uma vez que são predestinados à morte. “Eu acho uma hipocrisia dizer que todos são excedentes da colônia e vão morrer mesmo. Claro que existe o excedente da colônia, porque eles necessitam ter um controle lá, porque não há como ter mais pinguim lá do que o meio ambiente suporta. Isso é uma realidade, a natureza... ela é cruel. Tem alguns que nascem para morrer, mas não são todos”, afirma.

Imagine uma tartaruga chamada Jane, ou um pinguim com o nome de Jonas. Não, você imaginou errado! Os profissionais não devem ter qualquer envolvimento emocional com os bichos, uma vez que o único objetivo é que eles devem voltar à natureza. Os nomes são, na verdade, números. Tartaruga 1, 2, 3... Pinguim 4, 5, 6. Voltamos ao método do pronto atendimento: ríspido, seco, mas eficaz - na maioria das vezes, pois assim quem não se fere são os profissionais, pois de machucados já basta o Jonas... Quer dizer, o pinguim.

A mãe natureza é rígida, dura na queda mesmo. O animal que não estiver preparado para encará-la acaba ficando para trás. Por isso, muitas vezes a médica veterinária opta pela eutanásia. “Dói no coração, mas fazemos. Porque, por exemplo, não vamos condenar uma ave que chega aqui com uma fratura na asa, algo praticamente irreversível a voltar para a natureza sem estar 100%”, comenta.

.....  
“*Eu acho uma hipocrisia dizer que todos são excedentes da colônia e vão morrer*”.  
.....

Foto: Nicole Zanon



# A necropsia e a ação do homem

Um diferencial da unidade de Penha é a necropsia. Os profissionais abrem o corpo do animal após o óbito para analisar as lesões internas e a presença de sujeira no estômago, determinando assim a causa da morte. O processo é difícil, uma vez que não se tem conhecimento do estado de saúde do animal antes de ser acolhido para tratamento. O intuito não é saber apenas a causa da morte, mas avaliar o quadro de saúde precedente.

Após o procedimento, o destino dos animais é variado. Alguns esqueletos vão para o Museu Oceanográfico da Univali, localizado em Balneário Piçarras, e outros são oferecidos a quem tenha interesse. Quando há uma grande quantidade de ossos de um mesmo animal, estes são coletados para o lixo biológico. “No começo do projeto nós recolhíamos de tudo, depois tudo ia para a caminhonete e por fim para o lixo. Mas vimos que estávamos tirando muitas matérias orgânicas da praia, que não era para sair dali. Tem história de urubu voando atrás da caminhonete, porque estávamos tirando o alimento deles”, conta Adriane. Porém, quando o animal é muito grande a responsabilidade é da Prefeitura, como no episódio da baleia que encalhou na Guarda do Embaú em março do ano passado.

Durante a análise são encontrados diversos materiais poluentes, situação que é referente a interferência humana. O fenômeno surgiu logo depois da Revolução Industrial. “Muitos produtos começaram a entrar de

forma direta nos recursos hídricos pelo lançamento dos efluentes sem tratamento e através da precipitação atmosférica”, conforme explica a professora do curso de Engenharia Química da Univali Patrícia Scherer.

É visível a interferência do homem na vida do animal, mesmo que de forma involuntária. Os indícios estão nas marcas de rede de pesca, plástico no estômago ou fraturas advindas de colisões com embarcações. O uso da sacola plástica é um problema grave. Inúmeras são as ações voltadas para a inutilização do material que é prejudicial para os animais marinhos, como por exemplo, a Agenda 2030, que busca a proteção dos recursos marinhos. “Entre os compromissos adotados, 460 têm como meta eliminar a poluição causada por materiais de plástico no mar e por produtos de microplástico”, destaca o presidente da Assembleia Geral da ONU, Peter Thomson.

Ao falarmos do plástico é necessário relembrar os motivos pelos quais esse tipo de material é causador da morte de vários animais marinhos. “Por não sofrerem decomposição pelos processos metabólicos, acabam ocupando o trato digestivo. Como não são alimentos, os organismos não assimilam os nutrientes necessários”, explica Patrícia.

Na visão de Barreto, o descarte incorreto desses resíduos é o problema real. “Pode demorar algum tempo, mas eles vão cair em um terreno baldio, serão desviados para um canal fluvial e cedo ou tarde vão cair dentro do mar”, comenta.

*O problema é o destino adequado do lixo, não como estamos embalando ele*

## A pesca

Ao pensarmos na relação entre o homem e o mar, encontramos os mais diversos tipos de personalidades separadas em dois grandes grupos: os negativos e os positivos. A ação do ser humano tem relação direta com as espécies ameaçadas de extinção não só na poluição, como também na pesca. Um exemplo disso são os golfinhos, considerados tão fofos por alguns, mas na mão de outros sofrem muito. No Brasil, são duas espécies de golfinhos costeiros, o boto cinza e a toninha.

Segundo o coordenador André Barreto, a interação golfinho e redes de pesca já é de conhecimento dos pesquisadores desde a década de 70. “É um animal costeiro, nunca vai mais de trinta metros de profundidade e é o local onde o pessoal coloca muita rede de pesca. Não há o que discutir, eu não estou dizendo que o pescador vai lá para pegar a toninha, não é isso, mas existem áreas que elas são mais frequentes, então se o pescador colocar a rede ali, vai pegar a toninha, da mesma forma a tartaruga. Então ali é um problema sério, preocupante”, afirma.

Executar uma atividade desenvolvida para o atendimento de condicionante do licenciamento ambiental federal das atividades da Petrobrás de produção e escoamento de petróleo e gás natural no Pólo Pré-Sal da Bacia de Santos, conduzido pelo Ibama. Esse é o objetivo do Projeto de Monitoramento de Praias que em agosto de 2017 completou dois anos, com mais de 25 mil animais cadastrados.

Todos esses dados são públicos para a comunidade, uma das exigências da Petrobrás, bem como a flexibilidade para receber as sugestões das equipes que estão em campo. “A nossa relação com o IBAMA é boa, com a Petrobrás também, a gente sempre propõe coisas novas”, afirma o pesquisador.

Em janeiro de 2018, a equipe de pesquisadores da Univali entregou um diagnóstico para o IBAMA e para a Petrobrás destacando alguns pontos cruciais, o que encontram nas praias, o que ocorre com determinadas espécies e alguns dos problemas principais. Com isso, as instituições vão poder tomar decisões.

Foto: Deborah Boeira



Equipe de campo atua desde cedo no salvamento dos animais marinhos



Foto: Deborah Boeira

## O Projeto Tamar

Daphne Wrobel Goldberg é médica veterinária formada em 2001 pela Universidade Federal Fluminense e é hoje a responsável técnica pelo Projeto Tamar na Capital Catarinense. Goldberg desempenha suas atividades há 15 anos na instituição e já passou por diferentes bases, tendo em vista que no Brasil totalizam 23.

Tamanha responsabilidade e paixão pelo que faz são destacadas por ela ao contar o dia a dia da sua profissão e o compromisso com o resgate de tartarugas marinhas. “Reabilito animais encalhados e resgatados de redes de pesca, cuido das tartarugas do Centro de Visitantes do Projeto Tamar e trabalho com pesquisa”, comenta.

As tartarugas marinhas são animais ameaçados de extinção no Brasil e no mundo. Sendo assim, o maior objetivo em reabilitar os indivíduos doentes é posteriormente reintroduzi-los em seu habitat, mas nem sempre isso é possível. Assim como o Projeto de Monitoramento de Praias da Baía de Santos resgata os animais marinhos, o Projeto Tamar também recebe as tartarugas em condições semelhantes.

Em Florianópolis, os animais encalhados chegam debilitados, com sinais de desidratação e com algas recobrendo a carapaça. Animais provenientes da pesca chegam na maior parte das vezes com boa condição corpórea, porém em alguns casos com sinais de afogamento ou doença descompressiva.

O Projeto Tamar, além de resgatar tartarugas marinhas, trabalha também com a educação ambiental. “São realizadas atividades de sensibilização e educação ambiental não formal, em complemento as ações de monitoramento. Essas atividades são voltadas principalmente para as comunidades litorâneas das áreas de atuação do Projeto Tamar, mas também dirigidas a outros segmentos da sociedade, e executadas em Centros de Visitantes, escolas e diferentes espaços”, destaca a médica veterinária. São promovidas ainda diferentes ações de sensibilização e educação ambiental direcionadas aos turistas, estudantes e outros agentes.

### Ações de conscientização do Projeto Tamar

- Realização de palestras, exposições itinerantes e cursos sobre a conservação das tartarugas marinhas;
- Produção de materiais educativos e informativos que comuniquem para o público em geral os resultados alcançados e mensagens sobre a proteção das tartarugas e dos ecossistemas marinhos;
- Realização de campanhas e ações educativas que abordem temas relevantes como “trânsito de veículos na praia”, “lixo no mar”, “iluminação em áreas de desova”, etc;
- Realização do Programa “TAMAR na ESCOLA” que trata a conservação das tartarugas marinhas e as atividades desenvolvidas pelo Projeto TAMAR de maneira a conscientizar os alunos.

“

Muitas histórias me marcaram e continuam me marcando até hoje. Não esqueço de um animal que nos foi entregue, quando eu ainda trabalhava na Base da Bacia de Campos, norte do Rio de Janeiro. Uma tartaruga-verde juvenil, que chegou em choque, sem reflexos e dada como morta. Apresentava uma fratura de crânio severa e ao recuperar a consciência após os primeiros socorros, começou a apresentar graves sinais neurológicos. Ela passou sete longos meses em reabilitação, onde cada pequeno sinal de melhora era comemorado com muita alegria. Descobrimos um coágulo em seu cérebro e o quadro era grave. No entanto, com muita persistência e carinho, conseguimos recuperá-la e devolvê-la ao mar. Foi emocionante vê-la indo para casa. Recentemente, recebemos uma tartaruga-cabeçuda adulta com paraplegia, em função de um trauma com hélice de embarcação. O animal está em tratamento e irá receber células tronco de um outro animal da mesma espécie. Essas e tantas outras histórias me enchem de esperança e me impulsionam a continuar nesse árduo trabalho de proteção de nossa fauna.

**Daphne Wrobel Goldberg**, médica veterinária do Projeto Tamar Florianópolis

## Como colaborar

Como o monitoramento das praias é feito bem cedo, muitas vezes a equipe de resgate precisa do apoio da comunidade caso os encalhes aconteçam mais tarde. Para isso, o telefone 0800-642-3341 está disponível para que qualquer pessoa que encontre um animal marinho na praia, entre em contato. Esse número é o mesmo em todo o território monitorado pelo projeto.

Com o uso cada vez mais frequente dos smartphones, os colaboradores encontraram uma outra ferramenta para facilitar o trabalho deles e o contato com a comunidade. Um aplicativo desenvolvido na Univali está em fase de conclusão e vai funcionar de uma maneira bem simples. "Você vai tirar foto do animal pelo aplicativo, ele já pega a posição do GPS e já encaminha para a gente automaticamente", conforme explica a assistente de comunicação do Projeto, Deborah Boeira. O app vai permitir também que a pessoa que fez o chamado acompanhe o que aconteceu com o animal depois que ele foi recolhido. O aplicativo já foi desenvolvido, mas primeiro vai ser instalado nos servidores da Petrobrás para depois ser liberado publicamente.

Foto: Projeto Tamar/Divulgação



{solidariedade}

# ONDA BOA

*Projeto que surgiu em 2002 já atendeu mais de 21 mil alunos e traz o surfe como alternativa de trabalho social*

// Texto *Karol Braga*

Para quem acredita no surf como uma forma de deixar um legado no mundo e torná-lo um lugar melhor, o projeto Surf Solidário aquece o coração. Com o lema “ainda se faz o bem”, a escola Amigos do Atalaia realiza o projeto como uma forma de levar o surf para a comunidade ao mesmo tempo que ajuda famílias carentes através da arrecadação de alimentos.

O projeto surgiu oficialmente em 2002, quando Ney Machado, presidente da Escola Amigos do Atalaia, junto com um amigo, teve a ideia de oferecer as aulas em troca de alimentos. A ideia deu tão certo que desde 2010 mais de 21 mil alunos passaram pelo projeto.

Motivado em ajudar as pessoas, é nas águas da Praia do Molhe que o coração de Ney reside. Com uma vibe muito boa e completamente apaixonado por surf, explica que seu maior sonho é ter um instituto e ampliar o trabalho social que realiza hoje. “Não só como surfista, mas como ser-humano, temos que pensar no próximo”, afirma Ney.

Cassiano Portes iniciou no projeto como aluno e hoje

é um dos instrutores voluntários. “Meu coração explode de alegria de estar ali”, conta Cassiano. Também comenta sobre a necessidade do surf ser incluído nas escolas como atividade curricular. “Ensinar essa criançada que o esporte não pode mais ficar apenas na escola restrito ao basquete, vôlei e futebol”.

A estudante Évelin Kierski, de 18 anos, iniciou no projeto no final de 2015. “O surf pra mim não representa só um esporte ou um estilo de vida, mas algo que te faz ter caráter. Você aprende não somente a respeitar as pessoas, as diferenças, mas também a praia e o meio ambiente”, conta Évelin.

A auxiliar contábil Vanessa Sais, 30 anos, é aluna há pouco mais de um ano e conta que tem um grande carinho pelo projeto. “O projeto foi uma ponte, uma forma de realizar um sonho adormecido”, conta Vanessa.

A ONG vive de doações, que podem ser feitas durante as atividades nos domingos, das 08h às 11h, para a equipe de voluntários que fica no local.

## {história de pescador}

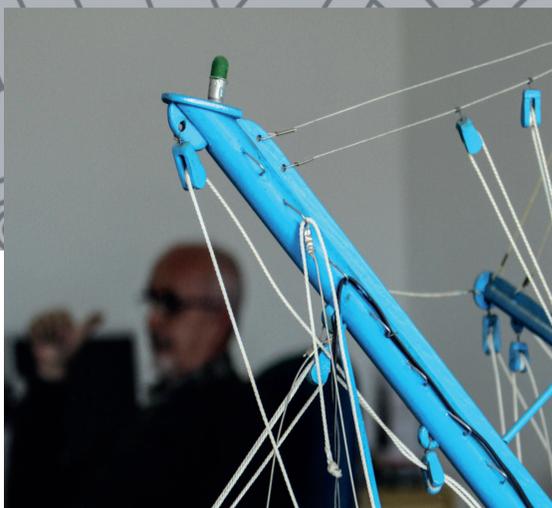


Foto: Kassia C. Salles

# Como pode um peixe vivo viver fora da água fria?

// Texto *Grazielle Guimarães*

Depois de uma noite inteira de pesca, acordado, observando o movimento do mar, Henrique, responsável pelo barco e pela tripulação, decidiu ir descansar e acordar próximo ao horário de almoço.

Quando a refeição estava sendo servida, Henrique foi acordado pela algazarra que seus tripulantes estavam a fazer no casco do barco. Usando um pneu para ajudar na subida do mar para a embarcação, os marinheiros se jogavam água adentro para se refrescarem. O capitão advertiu.

- Vocês sabem que eu não gosto deste tipo de brincadeira. E se chega um tubarão aí e come um de vocês? Olha a responsabilidade minha?

Porém, um dos jovens que estava envolvido na brincadeira, que aliás era primo de Henrique, retrucou:

- Primo, não se preocupe com isso, aqui não tem mais tubarão.

Mas, o experiente pescador retrucou em seguida advertindo a todos:

- Coloque uma coisa na cabeça de vocês. Vocês não vão ver tubarão na BR, nem carro aqui no mar, mas tubarão no mar sempre tem e é sempre possível.

A discussão parou ali, quando os tripulantes

resolveram obedecer a ordem e voltaram para o barco. No decorrer do dia os pescadores pegaram cerca de 30 toneladas de sardinha e foram em direção a Santos, São Paulo, descarregar o barco.

Ao chegar ao cais, Henrique fez a manobra e, no decorrer do descarregamento, um companheiro de outro barco grita em sua direção, com um jornal na mão:

- Eeccc, um desse aqui é que tem que te comer!
- O que é isso aí? - indagou Henrique.
- Ah, você não soube?
- Não?!

Ao pegar o jornal nas mãos, Henrique se assustou ao ver o tamanho do monstro estampado na capa do jornal. Correu para conferir a longitude e latitude e se espantou ainda mais. O tubarão capturado há alguns dias estava a um quilômetro de distância de onde o primo de Henrique e seus tripulantes brincavam no mar.

Ainda com o jornal nas mãos, ele mostrou a seus companheiros de viagem o perigo que corriam. Lugar de peixe, e tubarão, é na água, e o perigo é sempre constante quando invadimos a casa de alguém sem os devidos cuidados. O mar assusta muito, mas mata pouco. Com sorte naquele dia não matou ninguém, mas poderia. Sábio Henrique.

*{canoagem}*

# PA' AHANA

**O MELHOR  
REMADOR É O  
MAIS SENSÍVEL**



Foto: Gilmar Castro Moura

*“A proa da minha canoa aponta o sol. É remando que se chega lá, é remando que eu vou mais além”. Assim diz a canção “Pa’ahana”, da banda Música Orgânica, em homenagem ao clube de remo homônimo e ao seu fundador, Luciano Fachini.*

// Texto **Thiago Furtado**  
**Ana Nasato**  
**Gabriela Neves**  
**Andrew Sousa**

O sol ainda nem apareceu por sobre o morro que divide as cidades de Porto Belo e Bombinhas e o grupo do Pa’ahana Paddle Clube já está reunido na praia do centro de Porto Belo. Por ali, perto de onde o Rio do Rebelo desemboca no mar, duas embarcações repousam na areia e contrastam com os botes tradicionais do lugar. São duas canoas estreitas e longas, que ultrapassam os cinco metros de comprimento. Uma branca e a outra azul, cada uma delas com uma espécie de flutuador no lado esquerdo, chamado de ama.

Quando esse pessoal coloca a canoa na água e cada um se acomoda num dos seis bancos que ela possui, Luciano, que vai no último banco, responsável por direcionar

a canoa, dá o comando: “Pa’ahana”, a que todos os outros respondem: “Imua”. Estes são os comandos usados pelo grupo para cada início ou retomada de remada. As palavras vêm dos idiomas polinésios, de onde se origina a modalidade de canoagem que o grupo pratica. A primeira expressão significa “trabalho duro, disciplina do corpo e atenção no espírito”. A segunda, “forte à frente, com coragem sempre à frente”.

As palavras são o mantra que guiam essa turma pelos mares de Porto Belo e por outras águas em que se aventuram com frequência. Perto ou longe das areias da Praia do Baixio, a unidade que o ato de remar em grupo constrói, une pessoas e histórias dentro e fora d’água.

## Como começou

Luciano Fachini, 37 anos, foi ciclista profissional por muito tempo. Estudante de Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), certa vez conheceu a canoagem havaiana em uma saída de campo em que os estudantes experimentaram alternativas para turismo ecológico. Ali, ele acabou percebendo uma possibilidade de treino complementar à bicicleta. Desde então, passou a praticar a canoagem na modalidade individual e não largou mais.

Tempos depois, Luciano se mudou de Biguaçu para Porto Belo. Era a oportunidade de estar ainda mais próximo do mar e com mais chance de viver a canoagem. Ávido por experienciar os processos mais rudimentares e ancestrais que envolvem a prática, se propôs a construir sua própria canoa, de um tronco de garapuvu. O trabalho artesanal, de esforço, o inspirou a dar à canoa o nome Pa'ahana que, posteriormente, batizaria o clube de remo com o qual ele nem sonhava.

A vida, imprevisível como sempre, colocaria um imprevisto neste caminho: em 2010, Luciano sofreu um acidente de moto que o deixou impossibilitado de caminhar. Atleta e ativo durante a vida inteira, ele precisaria se reinventar para continuar a levar a vida do jeito que sempre fez – ou o mais próximo disso possível.

Remar, então, foi uma saída. Desde o início do período de recuperação, ele pensava que era possível. E praticar a canoagem havaiana acabou fazendo parte do processo de reabilitação de Lu-

ciano. Alexei, o primeiro professor de canoagem com quem teve contato, no entanto, vislumbrava algo maior: havia a possibilidade de a canoagem havaiana integrar os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Luciano, atleta de elite acostumado às competições, tinha perfil para buscar uma vaga.

Ele chegou a participar de eventos testes e seletivas, em 2014. No entanto, a estrutura disponível não era suficiente e, sobretudo, os meandros políticos que envolvem a inclusão de um esporte num evento como as Paralimpíadas foram frustrando o remador. No fim, a modalidade não se tornou olímpica.

Sem estrutura para treinar sozinho – Porto Belo não dispõe de um trapiche e ele não tinha treinador – Luciano precisava encontrar alternativas para continuar no esporte. Na condição de cadeirante, colocar sozinho uma canoa na água, por exemplo, era difícil. A solução estava em formar um grupo, que facilitaria todas as operações. Começou então o processo para a aquisição da Lili Uokalani, uma canoa OC6 – para seis remadores. Lili é uma das mais antigas canoas havaianas do Brasil e seu nome é uma homenagem à última governante do Havaí.

Surgia então, em 2013, o clube de remo que Luciano batizou de Pa'ahana Paddle Clube, em referência à primeira canoa que ele havia se empenhado em construir. “Já sabíamos o quanto difícil é manter um clube. O quanto difícil é ter essa atenção com corpo e espírito, pra acordar cedo todo dia pra remar”, comenta.

*Quero  
saber o que  
você vai  
fazer agora.  
Na canoa  
você é só  
mais um  
remador*

Luciano Fachini (37) mantém uma relação diária e estreita com as canoas e com o mar.

Foto: Thiago Furtado





Foto: Pa'ahana Paddle Clube/Divulgação

## Trabalho duro

O nome do clube não foi escolhido em vão. Luciano já tinha consciência – e o tempo vem lhe dando razão – de que só com muita dedicação é possível tocar um projeto como esse. Reunir pessoas diferentes, com intenções distintas e conseguir formar um grupo coeso é trabalhoso. “Ego lá dentro d’água? Esquece. Esquece quem tu foi, quem tu é. Na canoa você é só mais um remador”, ressalta.

Atualmente, em torno de dez pessoas compõem o grupo que rema com frequência, quatro vezes por semana e aos finais de semana. Como é aberto, muitas outras pessoas remam esporadicamente. Luciano calcula que o número de pessoas que já remaram pode chegar a 800.

Um dos integrantes mais assíduos do grupo, Rodolfo Antonio Knies, 27 anos, agradece ao Pa’ahana as amizades que fez em Porto Belo. Ele havia acabado de se mudar de Porto Alegre para a casa de praia da família, em frente a qual ficam as canoas. Com o tempo, ele se interessou pela canoagem. “A canoa me deu o círculo de amizades que tenho hoje e diversas oportunidades. Sou extremamente grato por tudo isso”.

O trabalho do grupo, resultado da sintonia que a canoa exige, segundo Luciano, tem levado esse pessoal longe. Com frequência o grupo realiza travessias de longa dis-

tância, em que colocam à prova o treinamento e expandem os limites a que estão acostumados. “Às vezes a gente para um segundo antes de estender um limite. Se tu supera isso, amanhã tu sabe que pode ir além”, pondera Luciano.

O Pa’ahana já participou de competições em Florianópolis e Ilha Bela e, com frequência, faz travessias entre Porto Belo e Bombinhas, Itapema, Balneário Camboriú. Porém, a competição não é o objetivo do clube. O real sentido de praticar a canoagem, para essa galera, é o esporte e todos os benefícios que ele proporciona, aliados à filosofia de vida envolvida nele. Luciano sempre recorre a analogias entre a prática de um esporte náutico e às nuances da vida. “É muito visível. Eu percebo vários movimentos que acontecem na canoa, que acontecem em relação ao grupo da canoa e que também estão na minha vida, nas minhas relações interpessoais”.

Assim, Luciano e o Pa’ahana Paddle Clube seguem. Com os sentidos sempre muito apurados para entender os sinais que o mar e a canoa dão. E isso é sempre reforçado por Luciano, que faz questão de repetir: “Sensibilidade é a palavra. O melhor remador não é o mais forte. O melhor remador é o mais sensível, que interpreta melhor o que o mar está dizendo”.

## Relato da equipe

Era feriado, dia do trabalhador. Combinamos de nos encontrar às 9h30 daquela segunda feira atípica, em Porto Belo. Nós, estudantes de Jornalismo, temos a sorte de poder vivenciar algumas coisas incríveis devido à nossa futura profissão. Com a canoagem havaiana, nossa experiência foi incrível, espetacular.

O dia, que amanheceu frio, logo esquentou quando o sol passou a aparecer mais no céu azul daquele primeiro de maio de 2017. Seguimos as instruções do Luciano, entramos na canoa e começamos a remar. Quatorze remadas para a esquerda – “hut”, mais uma e, então, quatorze remadas pra direita – “hut”. O Andrew, que ocupou o banco 3, ficou responsável por avisar quando era a hora de trocar o lado da remada. A gente tentava fazer o movimento de forma ágil, como nos ensinou Luciano.

Durante todo o percurso, ele lembrava como era importante manter a sincronia, fazer a remada completa, obedecer um dos princípios estabelecidos pela canoagem havaiana: o trabalho em grupo. De vez em quando, o Lu também nos corrigia: “Mais rápido, remada completa, mais longa...”. Foi uma aula e tanto. Além do novo aprendizado, enquanto remávamos, pudemos sentir a brisa e admirar a imensidão daquele mar. Foi, com certeza, um início de semana diferente, revigorador.

Em aproximadamente uma hora de remada, fizemos um trajeto de 5km. Nosso destino foi a prainha do Costão do Perequê. A água limpa despertou a vontade de tomar um banho de mar. Chegamos lá e descansamos um pouco os braços durante a parada. Aproveitamos o momento para conhecer um pouco mais sobre o nosso instrutor daquele dia. A praia foi a locação da primeira entrevista desta reportagem.

No caminho, paramos para dar aquele mergulho que tinha deixado vontade. Quase todos pulamos. Paramos a canoa por alguns minutos no meio do mar e tchibum! Foi muito bom. Valeu a pena! Subimos de volta e tentamos observar se enxergávamos as tartarugas que estavam ali pelo costão. Sem sucesso, decidimos voltar a remar.

E continuamos seguindo as instruções do Lu e ouvindo os comandos do Andrew. A volta pareceu bem mais rápida. Chegamos à areia firme e, ainda em grupo, ajudamos a retirar a canoa do mar. Felizes com o resultado da experiência, agradecemos a oportunidade ao Luciano e à Hoe Na Ka Waa Ola, a canoa que utilizamos. Por fim, só nos resta reiterar a admiração deixada pelo anfitrião, que com sua história de superação e todo seu engajamento em realizar nosso trabalho, nos proporcionou essa rica experiência.

Enquanto remávamos, pudemos sentir a brisa e admirar a imensidão daquele mar



A equipe com Luciano Fachini antes e durante a remada de aproximadamente 5Km na baía de Porto Belo.



**{história  
de pescador}**



Foto: Kassia C. Salles

## Filho de peixe, peixinho é

// Texto *Luana Amorim*

O filho mais velho do pescador aposentado José Henrique Pereira, aos quinze anos de idade, mostrou bastante interesse em enfrentar o mar como o pai. Apesar do amor pelo oceano, o amor pelo filho era maior e Seu Henrique sempre foi contra a decisão do filho, que, no entanto, seguia confiante na sua escolha.

Um dia, o primogênito pediu para o pai lhe levar em uma das suas pescarias, pois queria entender como era a vida de pescador. Seu Henrique, já pensando em uma maneira de mudar a cabeça do garoto, aceitou a ideia. Porém, engana-se quem pensa que o bondoso senhor, que recebe seus visitantes com um café coado, agiu da mesma maneira com o filho. Afinal, o mar assusta, e Henrique pensou que teria o mesmo efeito sobre o filho.

O pai esperou até uma noite em que o mar estaria extremamente agitado. Seus amigos lhe diziam que dessa forma ele estaria assustando o menino, mas Henrique queria ver se o filho tinha coragem suficiente para encarar a imensidão do mar e todos os perigos que ele oferece.

A noite chegou e pai e filho embarcaram no velho barco. Quando a embarcação começou a navegar, o pai pensou que o filho ficaria mareado, como dizem as pessoas da terra. Porém, o menino aguentou firme e parecia animado com o passeio. As horas foram passando e o jovem aos poucos foi se acostumando com o mar e o barco. Ao se acomodar na cabine, ele logo pegou no sono.

Mais tarde, na hora da refeição, os dois velhos companheiros se juntaram à tripulação. Enquanto a equipe ia comendo aos poucos, o filho do capitão comia tudo que via pela frente. Quando pensava que ele já estava satisfeito, o menino fazia um

novo sanduíche e tomava mais uma caixa de achocolatado. Enquanto recorda a história, olhando pelos janelões que iluminam a sala da presidência do Sintrapesca, o senhor de pouco mais de 60 anos de idade ri ao recordar: “Pensei que ele ia ficar assustado e não trazer prejuízo”, conta.

Já no meio da madrugada, a equipe de seu Henrique joga a rede no mar e pesca as primeiras sardinhas da noite. Todo empolgado, Henrique resolve chamar o filho para que ele veja como os pescadores retiram a mercadoria do mar. Porém, ao olhar ao redor percebe que o menino não está por perto. O pai começa a entrar em desespero e grita para todos do barco pedindo se alguém havia visto o menino. Revirando o barco de cabeça para baixo, passando pela sala de máquinas, o convés, na cabine e por toda a extensão da embarcação. O primeiro pensamento que passa na cabeça do pai é que o filho havia caído no mar, pois só isso explicaria o porquê de não encontrá-lo em lugar nenhum.

Até que, quando ele começa a reunir a equipe para ir em busca do filho ao redor do barco, eis que ele encontra o menino, parado, observando o mar a sua frente em uma das pontas do barco. O primeiro extinto de seu Henrique foi abraçar o menino. O filho, confuso, não entende o porquê de tanta preocupação e responde: “Ué, não posso ficar aqui?”

Mesmo tendo gostado da aventura, o filho nunca mais pediu para acompanhar o pai durante a pesca, para alívio de Seu Henrique. “Depois daquilo desistiu e foi virar engenheiro”.

O filho do peixe, não virou peixinho, mas sim a minhoca que se prende ao anzol, porque não tem bicho que mais goste de terra do que ela.



# DESDE PEQUENO AO MAR

*Ronildo, o “Pequeno”, tem ligação desde novo com o mar e traz na memória e nas marcas da pele as histórias que a maré traz*



Fotos: Rodrigo Dalri

// Texto *Maicon Renan*  
*Matheus das Neves*  
*Rodrigo Dalri*

Foi observando os pais praticarem seus ofícios que Ronildo de Melo, 48 anos, se sentiu fascinado pela pesca e seu mundo de histórias. Desde jogar a rede a fazer artesanato na praia, tudo veio na bagagem da geração anterior. Filho de pescador e de família tradicionalmente pesqueira, Pequeno, como é chamado pelos companheiros de tarrafa, tomou gosto pela aventura diária que é estar no mar.

Hoje ele tem a pesca como uma renda extra, algo que complementa seu salário fixo como funcionário público. Ronildo assumiu o cargo de Secretário de Obras da Prefeitura de Bombinhas há cerca de 5 anos, mas não consegue abandonar a paixão pela pesca, nem todos os anos que viveu do oceano global.



Já ficou dias longe de casa embarcado em alto mar, já sobreviveu com o dinheiro que a pesca trazia, já aprendeu e agora repassa esse conhecimento. Hoje é pai de José Carlos e Diego Melo (de 15 e 11 anos respectivamente) e vem dedicando parte do seu tempo a ensinar para seus filhos a atividade que se tornou tradição na família. “Pode morrer o peixe, mas a tradição eu acho que não”. Por mais que acredite que será impossível que, no futuro, eles sobrevivam da pesca, considera fundamental eles entenderem como funciona a prática pesqueira. Que seja como hobby, esporte ou profissão, a tradição tem que ser repassada e mantida.

No rosto, uma pele cheia de linhas de expressão que, provavelmente, se deram pelo forte sol na época de pesca em alto mar. São 16 anos de história lançando redes e vivenciando uma das melhores épocas de sua vida. Ronildo tem a fala acelerada e, ao contar suas experiências no mar, demonstra gratidão e respeito por aquele que já foi sua fonte de sustento. “A vida era sofrida. A maior dificuldade que enfrentei foi quando ficamos sem motor no navio a dez milhas do continente africano, num período onde a comunicação não era tão avançada como é hoje”.

Hoje com 40 anos dedicados ao ofício, e incontáveis conquistas, a pesca representa tudo em sua vida. Algo que cresceu aprendendo e que vai morrer sem saber tudo. Tem junto do mar uma história de boas e más experiências que lhe ensinaram a crescer principalmente como ser humano. Boas ou ruins, experiências que lhe agregaram. Para ele, essa atividade nunca pode morrer, seja para fundos lucrativos ou apenas como um hobby para as futuras gerações. Seja lá como for, que continue sendo tradição.

## {história de pescador}



Foto: Kassia C. Salles

# Quando o dever chama

// Texto *Grazielle Guimarães*

Seu José Henrique Pereira fala em tom descontraido sobre suas ambições quando garoto. Decidiu ir para Santos e lá, em meio a centenas de pessoas que procuravam emprego na década de 1970, mesmo sem nunca ter embarcado numa tripulação, foi escolhido pelo capitão para ser um de seus navegadores.

“Existe uma frase na pesca usada por mim e eu a usei por muitos anos. O mar assusta muito, mas mata pouco”. Assim, o experiente pescador de 43 anos de profissão abre seu livro de lembranças.

Seu Henrique relembra uma das histórias que mais o marcou. Em uma de suas navegações no mar santista, no meio da pesca da sardinha, o motor do barco foi engolido pelas chamas de um incêndio não identificado.

Com o motor parado, os tripulantes não tinham como pegar água para combater o fogo. Os dois extintores da embarcação, um de CO<sup>2</sup> e outro de pó, foram gastos na parte externa do maquinário, não sendo suficiente para dominar o incêndio. “Minha sorte é que o mérito de salvar a embarcação não era meu, e sim do mestre de navegação. Então, ele era responsável por nos guiar naquela situação”, salienta seu Henrique, explicando ainda que o mestre era um rapaz novo, da cidade de Campo Grande, que há dois anos havia saído da marinha de guerra por isso. Tinha muita experiência com situações de emergência.

“Os marinheiros ali presentes gostavam de contar muitas histórias, que nadavam quilômetros, enfrentavam tubarões, mas, na hora do incêndio, com o motor parado e o alarme de emergência tocando, todos gritavam ‘minha mãe, minha mãe’”, conta Seu Henrique, com ironia.

“Quando acabaram os extintores, eu não falei nada, mas fiquei com medo. Minha intenção era entrar na casa de máquinas para tentar salvar alguma coisa, mas, ainda com extintor na mão, quan-

do mirei para o fogo para tentar abrir caminho, não saiu nada. Eu vi que o extintor tinha acabado e no que percebi isso eu recuei. Quando recuei eu ouvi o mestre gritando para mim. Neste momento ele pegou nas minhas costas...”

Silêncio. Seu Henrique parou de falar no meio de sua frase. Enquanto contava, a emoção tomou conta de seus olhos que encaravam o chão naquele momento. Ele tenta prosseguir, mas de novo é interrompido pelas lembranças de um dia inesquecível.

“Ai, ele gritou, pegou nas minhas costas e me disse, ‘a responsabilidade é tua, desce’. No caminho para a sala de máquinas tinha umas grades de ferro que, quando eu olhava, estavam todas vermelhas igual brasa, eu indaguei a ele, ‘se eu descer vou me queimar todo’. Mas o mestre retrucou: ‘eu já trouxe o par de luvas’. Então desci. O par de luva da mão esquerda estava com um buraco bem na palma da mão e quando coloquei a mão na grade, o lugar exposto da minha mão ficou grudado. No momento eu não senti dor nenhuma, desci e encontrei dois galões de água doce que usávamos. Puxei o visor do galão e fui controlando o fogo no maquinário. Só que, no meio daquela concentração enorme de fumaça, ao invés de voltar para o lado da escada, eu fui para o fundo da sala de máquinas, no final do barco. Eu estava muito desorientado e aí o mestre desceu e me pegou pelos cabelos - aquela época eu era cabeludo, na década de 70 todo mundo era meio cabeludão, né?!”, brinca seu Henrique.

O ex-marinheiro de guerra puxou-o de volta e juntos conseguiram combater o fogo antes que ele fizesse vítimas fatais. Quando as chamas se extinguíram, o barco foi rebocado para o cais de Santos por outra embarcação. Apesar do susto e da mão queimada, nada de mais grave aconteceu à tripulação.



# SEDE DE MAR

// Texto *Gabriela Lickfeld*  
*Matheus Petter*  
*Natália de Souza*

Há 13 anos, a vida de seu Agenor Fagundes não era muito diferente da de qualquer senhor com seus 50 e poucos anos: pacata e simples como a praia em um dia de inverno, rodeada de amor e preenchida pelo cotidiano típico de uma família itajaiense de classe média. O que ele não imaginava é que em uma sossegada noite de descanso ao fim de um longo dia trabalho, toda a sua vida estava prestes a mudar. Naquela noite, dois bandidos entraram em sua casa e pediram pela chave do carro. Enquanto seu Agenor os obedecia, ouviu o som de um tiro: seu filho, que na época tinha 27 anos, faleceu a caminho do hospital. Em uma reação assustada, o assaltante que houvera matado o filho diante dos olhos da mãe, atirou também no pai. O tiro acertou a bacia de seu Agenor e se alojou na coluna. Desde então, além de ter que conviver com a dor da perda do filho e as memórias sombrias daquela noite, o senhor de agora 65 anos de idade tem de conviver com a paraplegia.

A realidade de seu Agenor é a mesma de cerca de 13,3 milhões de pessoas no Brasil, que vivem com dificuldade motora, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É pensando nelas que a Fundação Municipal de Esportes e Lazer de Itajaí (FMEL) realiza anualmente o projeto “Rodas Ao Mar”. O objetivo é levar à praia deficientes físicos que, devido ao uso de cadeiras de rodas, tiveram que se abster do banho de mar. Em 2017, na sua quarta edição, levou cerca de 30 cadeirantes à Praia do Molhe, em Itajaí, em fins de semanas que alternavam entre sábado e domingo. “A ideia do projeto partiu da necessidade de inclusão social dos cadeirantes”, conta Ricardo Arruda, organizador. “O Rodas ao Mar surgiu então para tentar romper essas barreiras, possibilitando um momento de lazer, descontração e, para muitos deles, de lembranças positivas em relação ao mar”.

Quando a ideia surgiu, em 2013, a FMEL comprou três cadei-

ras anfíbias que são utilizadas até hoje. Os quatro mil reais investidos, segundo Arruda, foram pouco diante da grande utilização. Além do Rodas ao Mar, elas também foram utilizadas em projetos semelhantes. As cadeiras possuem rodas largas e o assento é do mesmo material das capas de piscina.

Em 2017, pela primeira vez, a organização Rotary Club Itajaí/Norte foi parceira da FMEL na realização do projeto. O grupo se dedica a ajudar a comunidade há mais de 110 anos, com cerca de um milhão e duzentos mil associados. Em Itajaí, 26 voluntários parceiros do clube participaram do Rodas ao Mar, responsáveis por auxiliar seu Agenor e os demais cadeirantes a passarem de suas cadeiras para as cadeiras anfíbias, levá-los à água e mergulhá-los na onda de novos sentimentos. Por cerca de quatro horas, Luís Fernando Butwilowicz pôde presenciar a alegria no rosto de cada cadeirante, ao lado de seus colegas do Rotary.

## Em outras cidades

O projeto acontece também nas cidades de Itapema, Navegantes e Balneário Camboriú. Em Itapema, a “Vida na Praia” está em sua quinta edição e a Associação das Pessoas com Deficiência de Itapema (ADI) possui três cadeiras anfíbias. Em Navegantes, a iniciativa já foi realizada duas vezes, com três cadeiras, e intitula-se “Praia Acessível”. Balneário Camboriú recebeu o mesmo nome e teve sua primeira edição em 2017, apenas com uma cadeira. Para organizar a utilização dela, cada cadeirante possui 20 minutos no mar.

## Realização

Para o voluntário Luís Fernando Butwilowicz, participar do projeto pela primeira vez foi uma experiência de valorização à vida. “Sou louco por praia”, conta. “Para mim é tão comum, que me surpreendeu saber que para algumas pessoas este prazer seria inacessível por fatores que não fazem parte do meu dia a dia”. Além de Luís, Alex Nerival Vieira viu no voluntariado uma forma de satisfação pessoal. O rotariano já participou de diversos eventos como esse e diz levar como objetivo de vida fazer o bem. “Ver a realização dessas pessoas não tem preço”, comenta.

Para o seu Agenor, a palavra “realização” descreve perfeitamente o momento em que sentiu a água do mar cobrir seu corpo novamente. Há 13 anos ele não havia retornado à praia – e achou que nunca retornaria. O que jamais havia sido um hobby para o senhor, se tornou uma saudade. Então, quando a ADEFI (Associação dos Deficientes Físicos da Foz de Itajaí) lhe convidou a participar do evento, ele não pensou duas vezes. A associação disponibilizou uma van adaptada para o transporte de seu Agenor e outros cinco cadeirantes, também associados ao grupo, que puderam participar. Além da ADEFI, outras associações interessadas tiveram vez no projeto.

Os números de participantes do projeto se mantêm o mesmo há quatro anos, porém a expectativa à próxima edição é atender mais cadeirantes, em um novo formato de atendimento.

## O dia a dia de um cadeirante

Assim como a esposa, a cadeira de rodas é a fiel companheira de seu Agenor. Apesar de o relacionamento com o seu meio de transporte diário ser tranquilo hoje em dia, ele já passou por conturbações. Depois de 50 anos vivendo sob suas pernas, o senhor se recusou a substituí-las por rodas. Porém, acabou entendendo que sua única outra opção era não se locomover, e isso ele não faria de jeito algum. “Eu vou em todo lugar”, ele conta. As complicações que naquela época pareciam o fim do mundo, hoje seu Agenor tira de letra. O cadeirante cita, dentre as dificuldades, passar por portas que muitas vezes são demasiado estreitas, banheiros que não são adaptados e calçadas quebradas. Sua outra parceira, a dedicada esposa Maria Aparecida, geralmente o acompanha, mas sua ausência não simboliza a impossibilidade de locomoção. O Fox branco que o senhor já possuía antes da tragédia foi adaptado e a direção agora é no volante, possibilitando que ele dirija para onde quer, a hora que quer. “Hoje em dia não preciso depender de ninguém”, se orgulha.



# Seja associado do **SINDIPI**

Fazer parte do sindicato da sua categoria é valorizar seu trabalho, fortalecer-se na sua defesa e exercer a sua cidadania.

*SAIBA DE TODOS OS SEUS*  
**BENEFÍCIOS**  
*CONHEÇA TODOS SEUS*  
**DIREITOS**  
*E DESFRUTE DE TODAS AS*  
**VANTAGENS**

## **SINDIPI**



Sindicato dos Armadores e das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região

[sindipi.com.br](http://sindipi.com.br) | (47) 3247-6700